

Abstract: O estudo mostra a aproximação do pensamento de Oswaldo Rodrigues Cabral com o da alta hierarquia católica após a Segunda Grande Guerra Mundial, momento de efervescência do humanismo cristão e de participação ativa e engajada de uma elite católica nos meios políticos e institucionais. Para o episcopado catarinense, Oswaldo Cabral representava o que era de mais desejável, já que cumpria os pré-requisitos da liderança leiga inspirada na “democracia cristã”. Por isso, algumas de suas obras podem ser lidas como uma espécie de justificação dos poderes de normalização e de tentativa de “purificação” dos valores cristão-católicos na sociedade catarinense.

The paper shows how the thought of Oswaldo Rodrigues Cabral was appreciated by the high catholic hierarchy in Santa Catarina after World War II, a moment of effervescence of the Christian humanism and of active participation of a catholic elite in the political and institutional circles of the State. For the local episcopate, Oswaldo Cabral represented what was most desirable, since he fulfilled the qualities of a Christian leadership inspired in the “Christian democracy”. Therefore, some of his writings may be read as a kind of justification of the normalization powers and of an attempt of “justification” of the Christian-catholic values in Santa Catarina.

A menina dos olhos do Sr. Arcebispo

Rogério Luiz de Souza¹

¹ Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina e Coordenador do Laboratório de Religiosidade e Cultura da UFSC.



Tentar palmilhar os caminhos de Oswaldo Rodrigues Cabral² é, antes de tudo, reconhecer o limite interposto por um gênero de produção histórica sujeito a interpretações multifacetadas e não muito convencionais. Parece-me que o resgate biográfico sempre vem marcado pela busca de explicações mais profundas e amplas da aventura humana através de uma personagem histórica que ora se aproxima de suas convicções pessoais e se afasta daquela cosmovisão socialmente aceita e ora se alimenta e reproduz o contexto de sua época. Na verdade, o historiador da “vida alheia” depara-se com o dilema da própria condição humana: é o sujeito autor da dinâmica histórica, ou “sujeito assujeitado” dessa mesma dinâmica? A pergunta pouco me instiga a ampliar a discussão. Toda a tradição sociológica e filosófica, de Durkheim a Foucault, sem desmerecer a análise marxista e weberiana, já vem um bom tempo se engalfinhando com porfias acadêmicas. Basta ao meu interlocutor certificar-se dessa cansada, mas real e justa, interrogação. O apelo que faço é ficarmos fixados na própria aventura de Oswaldo enquanto sujeito que debate sua realidade e expressa uma opinião no jogo relacional de poderes e saberes sociais. Isso quer dizer também que, menos ávido por segredos de alcova, não quero desistir de entendê-lo em sua trajetória pública, na sua relação com o espaço institucional e político, especialmente, percebendo sua estreita ligação com o pensamento católico após a Segunda Grande Guerra Mundial.

A escolha desse período não só revela a abrupta mudança político-econômica nacional e internacional em que Oswaldo esteve inserido, mas o situa e o identifica como agente dessa mudança. Se antes de 1945 era membro da burocracia Estado-Novista ao assumir em 1936 a direção da Assistência Municipal de Florianópolis, a partir daquele ano foi apresentado como um dos responsáveis diretos na redefinição do papel do Estado e colaborador na organização econômica e social do país.

Deputado Estadual entre 1947 e 1955, chegando a ocupar a presidência da Assembléia Legislativa em 1954, professor da Universidade Federal de Santa Catarina, folclorista, médico, antropólogo e historiador, Oswaldo representava o que era de mais desejável para a catolicidade. Era a “menina dos olhos” do episcopado catarinense. Afinal, dentro do ponto de vista da hierarquia católica, o desenvolvimento dos povos após a Segunda Guerra Mundial dependeria de uma elite intelectual inspirada

² Oswaldo Rodrigues Cabral, médico e polígrafo catarinense, nasceu em Laguna, aos 11 de outubro de 1903 e faleceu em Florianópolis, aos 17 de fevereiro de 1978.



na “democracia cristã” e atuante nos meios políticos. Para esse discurso, os dirigentes do Estado deveriam conhecer a fundo as contradições da sociedade, firmando-se numa elite abalizada e vinculada à ciência social e à doutrina cristã. O saber social deveria auxiliar na observação da constituição dos pluralismos culturais, concomitante ao controle e ao amoldamento destes grupos sociais em vista de uma concepção comunitária alicerçada na harmonização e homogeneização de valores extemporâneos, entendidos, todavia, como absolutos e transcendentais³.

Nas obras e conferências de Oswaldo vê-se esta preocupação em marcar a transformação da ordem socioeconômica brasileira através do controle dos diversos espaços culturais, aprisionando-os num universo meramente folclórico. A via de acesso para essa transformação far-se-ia alçando aos poderes públicos uma elite comprometida com os ideais cristãos. Por isso mesmo, chega a reconhecer naquelas autoridades militares, deflagradoras do golpe de Estado de 1964, a segurança e a estabilidade da civilização cristã. No discurso proferido por ocasião do áureo jubileu episcopal de D. Joaquim Domingues de Oliveira⁴ no Ginásio Charles Moritz, em 31 de maio de 1964, reafirma ele esta convicção pessoal:

Aqui estão todos aqueles que honram a Deus e O glorificam nos Seus Santos e os que à Santíssima Virgem entregam as suas esperanças de que, por Sua intercessão, hão de ver, um dia, a face do Filho, nas bem-aventuranças do Paraíso.

Vede, Excelência: as mais altas dignidades da vida civil do Estado, o seu Governador, os representantes do povo, os seus magistrados, “os homens constituídos em dignidade”, nos quais depositamos a nossa confiança, “para que nos governem com justiça” – aqui estão também, ao lado das Autoridades Militares que asseguram a estabilidade da nossa civilização cristã.

Sua aproximação com o alto clero sempre lhe rendeu apreço e consideração. Para essa solenidade jubilar, ele fora escolhido entre bispos,

³ Cf. SOUZA, Rogério L. *A Reforma Social Católica e o Novo Limiar Capitalista (1945-1965)*. Curitiba: UFPR, 2001 (Tese de Doutorado).

⁴ Eleito a 02 de abril de 1914, sagrado Bispo em Roma no dia 31 de maio e tomando posse a 07 de setembro do mesmo ano, D. Joaquim Domingues Beza de Oliveira permaneceu à frente da Diocese de Florianópolis, que se tornou Arquidiocese em 1927, até o ano de 1965, quando foi substituído por Dom Afonso Niehues. Faleceu em 1967.

⁵ CABRAL, Oswaldo R. Discurso da Sessão Solene. In: OLIVEIRA, D. Joaquim D. *Fastos do Áureo Jubileu Episcopal*. Florianópolis: EDUSFC, 1967, p. 35.



padres e leigos para discursar oficialmente, em nome da Arquidiocese, no dia do evento, como fora convidado, também, pelo mesmo Arcebispo, para elaborar um estudo sobre a Província Eclesiástica de Santa Catarina. O trabalho foi realizado e publicado sob o título: *A Contribuição à História Eclesiástica de Santa Catarina: a Diocese de Florianópolis, sua criação, seus prelados*. O tom laudatório e entusiasmado da narrativa não deixa dúvida quanto ao seu engajamento nas fileiras da catolicidade catarinense, declarando com firmeza que à mercê da autoridade desmedida do metropolitano, o anticlericalismo em Santa Catarina havia desaparecido. Para ele, os anos todos de atuação do Arcebispo representavam a inequívoca certeza do papel triunfante da Igreja nos espaços sociais.

Autor de mais de cinquenta obras que versam sobre Medicina, História, Folclore, Ficção e Etnologia, não é de se estranhar que muitas delas tratem diretamente das instituições católicas e da religiosidade catarinense⁶. Essa forte admiração pela Igreja revelada em suas obras talvez emergisse do próprio momento de efervescência do humanismo cristão pós-guerra, mas que certamente Oswaldo já cultivava desde a mais tenra idade por influência do ambiente familiar e escolar. Havia cursado o primário com os jesuítas no Ginásio Catarinense, entre os anos de 1912 e 1916. Esse estabelecimento religioso era o mais prestigiado da cidade, recebendo alunos provenientes da alta burguesia e da elite política do Estado. Foi nessa mesma época também que, na manhã de 07 de setembro de 1914, o menino Oswaldo, com apenas 10 anos de vida, ficou estupefato com a grande multidão que se amontoava no cais para ver a chegada do novo antístite. O registro da cena conservou ele até o fim da vida: “Lembro-me perfeitamente, como se fora hoje, da recepção que lhe foi prodigalizada pois tive a honra de, menino ainda, em companhia do meu pai, ir a bordo, e beijar-lhe o anel”⁷. O correr dos anos veio assegurar ainda mais a sintonia entre o Arcebispo e o leigo engajado, levando

⁶ Das obras de Oswaldo R. Cabral, cumpre-me destacar: *As Congadas da Lapa* (1926); *Os Jesuítas em Santa Catarina e o Ensino de Humanidades na Província* (1940); *A Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Ilha de Santa Catarina* (1945); *A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito* (1950); *As Danças de Congos no Sul do Brasil* (1951); *A Vida Pública do Padre Vicente Pires da Mota* (1953); *Contos de Natal* (1953); *Contribuição ao Estudo dos Folguedos Populares de Santa Catarina* (1953); *Do Culto dos Mortos ao Direito da Família* (1956); *O Sobrenatural e os Antropônimos* (1957); *A Medicina Teológica e as Benzeduras* (1958); *O Bispado de Santa Catarina e a sua Criação* (1958); *João Maria* (1960); *A Contribuição à História Eclesiástica de Santa Catarina* (1970).

⁷ CABRAL, Oswaldo R. Discurso da Sessão Solene. In: OLIVEIRA, D. Joaquim D. *Fastos do Áureo Jubileu Episcopal*. Florianópolis: EDUSFC, 1967, p. 38.



Oswaldo a reconhecer no corpo eclesiástico, conduzido por D. Joaquim, a liderança necessária para influir e interferir nos governos, na cultura e na sociedade catarinense.

Austero e nobre, Sua Reverendíssima, D. Joaquim D. de Oliveira, pelo seu exemplo diuturno e pela sua grande autoridade, conduziu o clero de maneira a identificar-se com a população, cercado-se de respeito e da simpatia necessária ao seu árduo mister, podendo-se afirmar que desfruta Santa Catarina hoje, de um corpo numeroso e digno de sacerdotes, todos voltados para as sagradas funções e para as obras sociais da mais alta expressão⁸.

O pós-1945 era o lugar de construção de um novo “sentido” da História do país. Capturar esse “sentido” tornou-se preciso a fim de poder identificar e estruturar a realidade que se desejava. Na arena digladiavam-se comunistas, liberais, anarquistas, social-democratas, cristãos, ateus e, com certeza, também, todos os que, segundo Foucault, em seus micro-espacos, exerceram poder. A alta hierarquia católica, pelo seu lado, marcou presença, conclamando uma larga faixa de cristãos a equacionarem rápida e urgentemente a situação do pós-guerra. Sua ação reformista, baseada na experiência especializada da “Ação Católica”, voltou-se para um tipo de participação mais comprometida com a transformação estrutural da sociedade e com as instituições governamentais, constituindo-se, diferentemente dos períodos anteriores, como ponta de lança do ordenamento social e das tentativas de solução político-econômica. O novo tipo de ação social caracterizou-se pelo planejamento de projetos socializantes que, segundo Lustosa, “mostraram avanços notórios na consciência crítica de grupos da Igreja e no estilo de compromisso e engajamento mais sistemático e mais realista”⁹, colocando os princípios da ética cristã como instrumento de reordenação econômica da nação brasileira. A proposta católica era empreender uma verdadeira batalha na purificação do sistema capitalista. Este quadro emergencial referendou o aparecimento, dentro do discurso católico, de um capitalismo humanista e solidário, cuja proposição acomodou-se aos interesses das elites cristãs, apresentadas, por este mesmo discurso, como “herói virtuoso” de uma

⁸ CABRAL, Oswaldo R. A Contribuição à História Eclesiástica de Santa Catarina: a Diocese de Florianópolis, sua criação, seus prelados. In: EL-KHATIB, Fainal (coord.). *História de Santa Catarina*. Curitiba: Grafipar, v. 02, 1970, p. 110.

⁹ LUSTOSA, Oscar. *A Igreja Católica no Brasil República*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991, p. 153.



nova era, já que deveriam consagrar todas suas forças para a transformação da realidade. O modelo solidarista colocava a classe dominante como eixo primeiro e fundamental de toda a organização social. A mudança do regime econômico e social dependeria, pois, do esforço desta elite em ratificar os princípios e os valores cristãos impregnados na História. Entendia-se que a inspiração e o espírito cristão incutiram valores e princípios na sociedade profana ao longo da História, mas esta inspiração e este espírito só se realizariam dentro do esforço e da vontade humana em admitir, heroicamente, estes valores como condição essencial da vida e de transformação da História humana.

Para o católico e político Oswaldo, o projeto de desenvolvimento social e econômico tornar-se-ia tanto mais verdadeiro quanto mais se buscasse aproximar dos valores fundamentais do cristianismo, fugindo das superstições e da ignorância religiosa. A importância do resgate histórico – daí, talvez, residisse seu interesse e fascínio pela História – tinha o fim de desvelar a “alma naturalmente cristã”¹⁰ encoberta ainda pela persistência folclórica de um certo “rudimentarismo” cultural e pela falta de interferência de uma elite descomprometida com os valores da civilização cristã. É nesse sentido que em *A Medicina Teológica e as Benzeduras: suas raízes na História e sua persistência no Folclore*, de 1958 – monografia premiada no quinto concurso do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo sobre o Folclore Nacional –, ele explica o “processo evolutivo dos acontecimentos históricos” e “o grau de desenvolvimento dos povos” a partir das práticas médico-religiosas de cura.

Tal como a Teoria da História de Augusto Comte, Oswaldo entende que o grau de civilização de cada povo segue três estágios ou, até mesmo, como no caso brasileiro, eles podem interpenetrar-se historicamente. Exemplo disso é “a feitiçaria que ainda subsiste entre os povos de rudimentar civilização e entre as classes incultas das sociedades mais civilizadas”¹¹. A civilização que se encontra no primeiro estágio, precipitada em uma *Medicina Mágica*, é aquela que compreende a doença como provocada por forças sobrenaturais de toda ordem e a cura nada

¹⁰ A “alma naturalmente cristã”, de Tertuliano, foi uma expressão cara e usual entre os humanistas cristãos, como: Jacques Maritain, Emmanuel Mounier, Alceu Amoroso Lima, Leonel Franca, entre outros.

¹¹ CABRAL, Oswaldo R. *A Medicina Teológica e as Benzeduras: suas raízes na História e sua persistência no Folclore*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1958, p. 37.



mais é do que eliminar a ação deste “espírito maléfico”. O segundo estágio, denominado de *Medicina Teológica ou Sacerdotal*, é quando a sociedade vê nas doenças e nas curas a ação da divindade. Há aqui a instituição do culto, do rito e da classe sacerdotal. O cristianismo teria dado fundamentação a esta medicina, “mas por uma popular modalidade na sua aplicação, apresenta este estágio um processo heterodoxo que é o das benzeduras.”¹² “Entre o povo vamos encontrar uma deturpação do conceito teológico da medicina, consubstanciada nas rezas e benzeduras. É a persistência do sistema preso ao folclore”¹³. A *Medicina Naturalista ou Científica* completaria o processo evolutivo da humanidade. Nesse terceiro estágio a sociedade desfrutaria dos avanços científicos, policiando determinadas práticas curativas e folclorizando outras, mas que de qualquer modo as submeteria a um espaço de aprisionamento e de negação das expressões culturais. Dentro deste olhar histórico, reconhece que “a patologia popular não tardará a entrar para os domínios das curiosidades e os casos miraculosos das benzeduras para os da fábula.(...) Os remanescentes folclóricos da medicina teológica terão o fim certo: os crédulos já andam desconfiados da sua eficiência e acabarão por ser, de um lado, convertidos à fé pura e, de outro, vencidos pela ciência vitoriosa”¹⁴.

No entanto, mais do que mostrar um processo espontâneo de mudanças e transformações sociais ao longo do tempo, caminhando inexoravelmente para um futuro de purificação da fé e de aperfeiçoamento científico, Oswaldo vê a necessidade de anulação de um saber entendido como folclórico, já que “a medicina teológica popular ainda persiste mesmo entre os povos de cultura elevada. O conceito teológico da medicina, conseqüência, muitas vezes, da fé e da crença heterodoxa, não desapareceu nos dias de medicina científica”¹⁵. A fim de realizar a interferência no plano histórico e instituir a nova civilização, ciência e cristianismo deveriam ser responsáveis por uma biopolítica de regulação de práticas morais e higiênicas das populações. Por isso, corrobora a idéia de que os prodígios da medicina científica não se opõem aos milagres da fé, “pois são ambas manifestações da graça e da misericórdia do Altíssimo”¹⁶, ambos têm origem no conhecimento divino. Para ele, os primeiros contatos

¹² Idem, p. 74.

¹³ Idem, p. 37.

¹⁴ Idem, p. 183.

¹⁵ Idem, p. 37.

¹⁶ Idem, p. 32.



entre a medicina científica e a crença na providência divina sustentada e mediada pela Igreja Católica começaram a se estabelecer por obra da caridade cristã. E nessa tentativa de criar um mito de origem, diz que “em 370, em Cesaréia, fundou-se o primeiro hospital na moderna acepção da palavra, por São Basílio, o Grande”¹⁷.

Mas ao admitir que as doenças teriam origens higiênicas, morais e espirituais, começa a esboçar o papel fundamental do cristianismo na consolidação e no avanço civilizatório da sociedade brasileira, pois entende, como já afirmei anteriormente, que a mudança ou a evolução social dependeria do combate da Igreja à superstição e à magia e da viabilização de um código moral normalizador de condutas, referendado e legitimado por uma *Medicina Teológica* ortodoxa nos meios mais “rudimentares”, “incultos” e “selvagens” da sociedade, onde a ciência médica e a autoridade policial não alcançariam¹⁸. Enfim, concorda Oswaldo que a cura pode estar em Deus, mas que só a Igreja pode proceder esta intermediação.

Como se verifica, o autor de *A Medicina Teológica e as Benzeduras* propõe uma verdadeira higienização dos corpos e moralização dos espaços como forma de evitar as doenças e promover o progresso. Aliás, os apelos ao desenvolvimento das nações após a Segunda Guerra Mundial requeriam medidas que dessem conta da baixa produtividade. Assegurar uma política de moralização e de higienização dos corpos mais do que empreender a passagem de um grau de civilidade significava, antes, manter o controle dos corpos como forma de garantir a “racionalização” de práticas produtivas e conseqüentemente a geração de excedente produtivo.

Fazendo coro à postura discursiva da Igreja, Oswaldo atribuía às práticas divinatórias, talismânicas, de benzeduras, entre outras, os sintomas do subdesenvolvimentismo brasileiro, do desajustamento e da doença social. Essas práticas eram percebidas como alheias e impeditivas ao processo evolutivo do desenvolvimento social e às convicções científicas da religião Católica e da Medicina. Por isso mesmo, seria a educação moral-religiosa o melhor meio profilático de combater a desordem social. Eis aqui parte de um artigo do jornal Católico “O Apóstolo” de 15 de fevereiro de 1947 intitulado “Feitiçaria e Macumba”. Não é possível

¹⁷ Idem, p. 43. Cesaréia, aqui, não Cesaréia Marítima, na Palestina, mas Cesaréia da Capadócia, na Ásia Menor.

¹⁸ Cf. idem, p. 70.



nomear o articulista, mas o trecho abaixo condensa, veicula e antecipa algumas das teses defendidas por Oswaldo em 1958.

(...) É mister fugir dos curandeiros e dos macumbeiros, eles envenenam o corpo e a alma, fazendo absurdos. E há gente tão cega que deixa o médico, abandona os remédios eficazes, vai à procura de bruxas, de feiticeiras, de pais de santos, de sessões trevosas de espiritismo. E o que vemos é esta calamidade de tanta gente morta pela superstição. Os feiticeiros são um verdadeiro flagelo social. Não acreditem em coisa feita, em adivinhações do futuro, em arranjos de vida, por macumbas. Isso só serve para a desgraça da alma, a ruína da saúde¹⁹.

Reforçava-se a idéia de um corpo saudável apto para o trabalho e que fosse capaz de se sacrificar pelo progresso da pátria, numa espécie de paradigma de salvação. E se o homem nada podia contra a morte, seguramente lhe era possível, através “do trabalho honesto, que tanto eleva a criatura humana”²⁰, evitar as penas eternas. Sem dúvida nenhuma, “o sacerdote”, segundo Oswaldo, “teria a função de fazer suportar a morte inevitável”²¹, promover a ordem social e combater a superstição e a ignorância religiosa²². Ademais, o clero era visto por ele como um corpo de especialistas que ultrapassava a gestão do sagrado. Mergulhados no mundo, os padres teriam oportunidade de interferir na ordem econômico-social e de “gestar” a salvação de toda a realidade. Mais do que sacerdotes deveriam ser especialistas técnicos da saúde do corpo e da normalização social. Por isso, não se furtou a reconhecer no Arcebispo Metropolitano, D. Joaquim, um homem de visão larga, que soube formar o seu clero para a ação social.

Na verdade, a presença do clero catarinense na vida social pós-1945 fazia-se muito menos pela ação favorecedora e subordinada ao poder político e às secretarias de desenvolvimento, como se quer às vezes crer, do que pela interferência direta nos órgãos públicos ao assumir as pastas das secretarias de Estado e de Município e pela competência técnico-científica com que falava, esclarecia e mostrava ter com as coisas do

¹⁹ Feitiçaria e Macumba. *O Apóstolo*. Florianópolis, 15 de fevereiro de 1947, n.0 400 (grifo meu).

²⁰ *O Apóstolo*. Florianópolis, 01 de janeiro de 1948, n.0 421.

²¹ CABRAL, Oswaldo R. *A Medicina Teológica e as Benzeduras: suas raízes na História e sua persistência no Folclore*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1958, p. 20.

²² Cf. CABRAL, Oswaldo R. *A Contribuição à História Eclesiástica de Santa Catarina: a Diocese de Florianópolis, sua criação, seus prelados*. In: EL-KHATIB, Fainal (coord.). *História de Santa Catarina*. Curitiba: Grafipar, v. 02, 1970.



campo e da cidade. Menos ou mais famosos, como o padre Raulino Reitz, premiado internacionalmente pelos seus estudos em botânica, muitos sacerdotes eram tidos como notáveis conhecedores da vida agrária e dos dramas da urbanização. Especialistas alguns em Biologia, Veterinária, Geologia, Economia e Agronomia, empenharam-se na difusão de um conhecimento científico, cujos objetivos abriam-se para a recondução da população a uma atividade laboral racionalmente organizada, onde o corpo precisaria ser disciplinado e higienizado e a cosmovisão modificada.

Afiançados pela ciência e detentores de um conhecimento técnico – como admitia e exigia Oswaldo –, colocaram-se a instruir, formar, observar e corrigir práticas desviantes, anulando o que poderia ser critério de permanência e estímulo à continuação do que não fosse produtivo. Assim, se de um lado usava-se de um discurso moral-religioso para reafirmar a autoridade eclesial e impor uma conduta que representasse a sobriedade e a ascese para o trabalho em prol da coletividade, de outro lado usava-se de um discurso técnico-científico para “dessacralizar” o que seria da ordem meramente biológico-natural das coisas com o intuito de se afirmar diante dos outros agentes do desenvolvimento social e de desautorizar práticas que referendariam a permanência de superstições e a interferência sobrenatural de toda a ordem.

Oswaldo, em *A Medicina Teológica e as Benzeduras*, cita um padre jesuíta das suas relações, observador e investigador, que presenciou a queda da bicheira de um animal por um benzedor. O tom científico da explicação do padre sobre a razão da queda da bicheira, digno de nota, deixa transparecer sua formação biológica e a competência de sua argumentação, mas que acima de tudo demonstra a busca pela anulação de um saber tido como também sobrenatural e pela afirmação de sua autoridade.

(...) Ora, conhecendo ele (o benzedor), pela observação, ou pela instrução que lhe foi transmitida, os dias necessários para que se complete o ciclo evolutivo, estará apto para saber quantos dias faltam para que a larva se desprenda do animal, por não necessitar mais do seu sangue para completar o seu desenvolvimento, e caia para o solo a fim de realizar outra fase do seu ciclo vital²³.

²³ CABRAL, Oswaldo R. *A Medicina Teológica e as Benzeduras*: suas raízes na História e sua persistência no Folclore. São Paulo: Departamento de Cultura, 1958, p. 80.



Ou ainda, quando o padre explica sobre as curas por envenenamento ofídico:

As curas do envenenamento ofídico pelas benzeduras já têm sido satisfatoriamente explicadas. Em casos tais, a inoculação da peçonha terá sido mínima ou nenhuma, por ter o animal esvaziado as glândulas em vítima anterior²⁴.

Em última instância, a tentativa era manter a unidade em torno de um pensamento científico-católico e desarticular, nesse caso, as “solidariedades” entre as pessoas da comunidade rural que se mantiveram até então graças a uma cosmovisão diametralmente inversa à ordem que se queria constituir a partir de agora.

Em vista do controle e da valorização do corpo, segundo uma proposta produtiva, a fim de torná-lo apto ao trabalho regulado, o corpo corrigido e melhorado era o pré-requisito indispensável à proliferação da vida – já que se impunha uma política de crescimento demográfico e, conseqüentemente, de aumento da mão-de-obra – e à capacitação e adestramento da força corporal. Uma ética para o corpo – mais do que estabelecer códigos comportamentais e estabelecer uma conduta sexualmente aceitável aos parâmetros cristãos – surgia no imediato pós-guerra como uma necessidade da política desenvolvimentista.

Isso me faz aceitar a idéia de que a grande vaga reformista que parecia surgir do pensamento de Oswaldo era, na verdade, devedora de uma gigantesca rede polimorfa que queria ver o crescimento e o desenvolvimento da nação através da regularização do tempo do trabalho, da correção moral dos indivíduos e da pedagogização dos corpos para a produção. O sonho reformista era ligar unicamente o destituído das condições higiênicas e médicas ao projeto de desenvolvimento econômico das nações capitalistas.

A tecnologia *de si* ou *do uso de si* autorizava um controle que fugia à dinâmica interna do indivíduo; ela nasceria de fora como algo externo, solicitando uma regularização e permitindo a punição. Desta maneira, não seria o indivíduo que determinaria os paradigmas a serem seguidos – mesmo porque ele estaria sendo instruído e treinado –, mas a composição de um saber construído a partir da observação e estabelecido

²⁴ Idem, p. 81.



conforme o que se queria controlar, reprimir ou fortalecer. Esse saber instituído na base cristã e no pensamento de Oswaldo não só se opunha à tradição, às práticas religiosas populares (rezas e benzeduras) e à produção não racionalizada do trabalho, como combatia e punia o corpo indomesticado.

Portanto, a saúde estava ligada à idéia de força utilizável no trabalho, onde tudo deveria ser feito para controlar e prevenir o que se insinuava antiprodutivo, atrasado e inadaptável. Conseguir o fortalecimento corporal pelo ajustamento dos indivíduos dentro de uma ética sóbria e frugal, de um comprometimento social e de uma atitude sacrificial em vista do bem comum, traduzia as verdadeiras intenções e as esperanças deste projeto econômico humanista.

Ademais, segundo Oswaldo, o caráter técnico-científico do discurso e da prática católica ao tratar do processo de cura do corpo humano fazia-se de acordo com a medicina oficial que tornava ilegítima toda espécie de “sobrenaturalidade” advinda de um “poder” que não aquele constituído e representado pela alta hierarquia religiosa. Para ele, “o clero desautorizava as práticas de cura supersticiosas, por heterodoxas, inócuas e esdrúxulas, uma vez que representavam uma deturpação popular da fé pura e da medicina oficial”²⁵. Afinal, a medicina científica, dentro do processo entendido como evolutivo, teria repelido a crença na existência de causas sobrenaturais no aparecimento e na cura de doenças. Desta maneira, benzedores, curandeiros e rezadores deveriam ser estigmatizados como criminosos, feiticeiros e deturpadores das orações oficiais da Igreja, exatamente por excitar à ignorância e à permanência latente da doença física e espiritual.

*Sempre ainda há muita fé falsa entre os ignorantes. Lá vão as cartas correntes, milagrosas e há tanta gente que as toma a sério. Entre o nosso povo ainda há bastantes que crêem nessas tolices. Leitores d’O Apóstolo! Cada um trabalhe na sua zona para acabar duma vez com cartas correntes, benzeduras, feitiços, bruxarias, macumba! Nossa felicidade está na integral fé católica, na qual nasceu, cresceu e tornou-se forte e feliz a nossa Pátria*²⁶.

²⁵ Idem, p. 74.

²⁶ “Os bobos não acabam nunca”. *O Apóstolo*. Florianópolis, 15 de maio de 1947, n.0 406.



Posso dizer que o tom acusatório e depreciativo destas práticas quis reinscrever as populações dentro de um novo código de condutas ao impor a substituição de um saber – que servira de assistência, de consolo e de alívio às dores e onde até então a falta de médicos e de farmácias não era considerada um problema a ser resolvido pelas instâncias político-religiosas – por um outro saber que se inscrevia agora como o mais adequado aos interesses produtivos e à preservação da vida. Esquecidas e deixadas de lado, essas populações agora passavam a ser ponto de referência, objeto de exame e o suporte básico para o desenvolvimento econômico brasileiro.

E não seria possível uma evolução profunda – fundamentada no cientificismo médico e no solidarismo cristão – se os representantes da elite católica não estivessem convencidos da necessidade de engajamento e transformação social. Os filhos da burguesia e do republicanismo deveriam ser esculpidos nos ideais éticos do catolicismo. Em Santa Catarina, este material humano de formação católica já havia; faltava reuni-lo num mesmo propósito. O fim da Segunda Grande Guerra Mundial e as políticas desenvolvimentistas tipificavam este momento, permitindo à Igreja estruturar uma ação organizada ao lado do Estado democraticamente constituído.

Como Oswaldo, a maioria dos políticos, médicos, advogados, engenheiros e militares era egresso de colégios católicos, especificamente o Ginásio Catarinense, que “visava formar uma elite católica, laica, masculina e de ascendência européia, que viesse a ocupar posições de liderança nas instituições sociais catarinenses e particularmente no aparelho estatal”²⁷. Conforme Dallabrida, “além do acúmulo do capital cultural, que abria as portas para a escolarização em nível superior, a convivência no Ginásio Catarinense proporcionava precioso acúmulo de capital social, que seria importante e às vezes decisivo nas futuras carreiras profissionais e políticas dos ex-alunos”²⁸.

Os laços de amizade cultivados naqueles espaços escolares e fortalecidos na vida adulta por um ideário cristão sustentavam uma concepção de representação política onde somente os preparados na “verdadeira” tradição e cultura cristãs seriam capazes de unir e guiar o

²⁷ DALLABRIDA, Norberto. *A Fabricação Escolar das Elites: O Ginásio Catarinense na Primeira República*. Florianópolis: Cidade Futura, 2001, p. 243.

²⁸ Idem, p. 253.



povo numa epopéia coletiva de transformação e desenvolvimento social. Essas lideranças político-católicas, das quais Oswaldo participava como membro articulador, eram devedoras de um capital cultural que exigia – motivadas pelos desdobramentos do pós-guerra – um novo código moral possível de reestruturar a vivência social, purificar o sistema capitalista e combater a alternativa socialista. Os arautos dessa nova era deveriam harmonizar as experiências do mundo moderno com a doutrina cristã. Seria o esforço de fazer aparecer na História o esboço da *Cidade de Deus* por meio, conforme Oswaldo, “dos prodígios da Medicina Científica e da Fé imutável dos homens na onipotência eterna do Altíssimo”²⁹. Esse pensamento alertava para o engajamento social, numa valorização da política no sentido de assumir estratégias capazes de transformação sócio-cultural. É verdade que todos deveriam agir dentro de uma finalidade suprema de realização comum, amadurecida no reconhecimento dos valores católicos entendidos como metafisicamente absolutos e universais. Mas a elite católica, escoimada nos bancos da disciplina jesuítica, teria a missão suprema de governar e desenvolver a nação, já que a Igreja a apresentava – e ela se reconhecia – como a depositária das reservas morais e espirituais da nova civilização. Esse estado de espírito democrático de inspiração cristã deveria levar a humanidade em direção à justiça – à justiça policiada e protegida contra as falsas crenças e a permanência indesejável das expressões culturais tidas como antagônicas ao projeto civilizatório – e em direção ao último estágio do processo evolutivo.

Segundo o pensador católico Jacques Maritain, “das novas elites cristãs é que tudo dependeria. Delas é que o mundo necessita de modo desesperado.”³⁰ E delas se pode buscar a legitimidade política, já que os representantes e os chefes do povo queriam mostrar-se identificados com os valores morais e espirituais mais profundos deste mesmo povo. A partir desta representação *de si*, só eles seriam capazes de resgatar e colher a “alma naturalmente cristã.” Mas dito de um outro modo, isso queria dizer também que esse mesmo povo aparecia como uma entidade a ser enquadrada e dirigida, sem condições de dispor de seus próprios desejos e sem condições de reconhecer sua cultura mais profunda.

²⁹ CABRAL, Oswaldo R. *A Medicina Teológica e as Benzeduras: suas raízes na História e sua persistência no Folclore*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1958, p. 65.

³⁰ MARITAIN, Jacques. *Cristianismo e Democracia*. Rio de Janeiro: Agir, 1945, p. 92.



Para mim está claro que esse “rudimentarismo” não era um fato por si, mas um fato construído pelo discurso médico-religioso com o intuito de rastrear, definir e perseguir a conduta de uma alteridade indiferente ao projeto proposto. Muitos foram vítimas de um saber que, depois de tê-los classificado, se limitou a rejeitá-los.

O antropólogo Oswaldo em *A Medicina Teológica e as Benzeduras* não fez outra coisa nesta obra senão justificar e esclarecer sua própria legitimidade como dirigente político e reformador social. Ao classificar, folclorizar e criminalizar as práticas curativas antagônicas ao discurso médico-católico em nome de uma ciência social, ele se apresentou como autoridade abalizada capaz de identificar e de construir um tipo-ideal desejável para a nova civilização. Dentro dessa convicção, não seria sinal de intolerância agir sobre os agentes que estimulassem a permanência de hábitos “degenerativos da alma verdadeiramente cristã.” Entretanto, via em determinadas expressões religioso-culturais, mesmo que deturpadoras dos princípios cristãos, um certo substrato dogmático e bíblico, que mantinha a esperança e fortalecia a fé diante de uma assistência social ainda precária. Das muitas rezas e benzeduras registradas por Oswaldo, cito apenas uma das versões da cura da erisipela. Não dá para negar, deveras, o caráter “catequético” conservado por esta forma específica de tradição oral e curativa.

Pedro Paulo vinha de Roma e encontrou com Jesus Cristo e Jesus perguntou. – Donde vens, Pedro Paulo? – Senhor, venho de Roma. – Que novas há por lá, Pedro Paulo? Muita zipra, zipelão, dor de cabeça, fogo selvagem. – Torna atrás, Pedro Paulo, e cura a zipra, zipelão, dor de cabeça e fogo selvagem. – Com o que Senhor? – Com as nove lã do carneiro preto, azeite doce e óleo de santa silveira. Com isto curarás, em nome de Deus e da Virgem Maria. Amém³¹.

Considerando que por trás das rezas e benzeduras há um material histórico cristão que se conservou, Oswaldo ressalta, contudo, o fato de subsistirem na *Medicina Teológica* popular elementos estranhos que se aproximam bastante das práticas condenáveis da feitiçaria e da magia (*Medicina Mágica*), como o carneiro preto e o número 09 (cabalístico). Também faz questão de assinalar que nessas orações quase sempre “a invocação dos santos não está de acordo com o patronato estabelecido

³¹ CABRAL, Oswaldo R. *A Medicina Teológica e as Benzeduras: suas raízes na História e sua persistência no Folclore*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1958, p. 84.



pela Igreja, pois os patronos, por exemplo, contra a erisipela são Santo Antão, São Bento, São Cástulo e Santa Joana de Chantal, que não encontramos invocados em qualquer uma delas³². A invocação comum é à Virgem Maria.

Mesmo assim, argumenta que “os benzedores não conhecem qualquer processo de provocar malefícios, não desejam ser confundidos com os feiticeiros e macumbeiros e procuram ser bons cristãos.”³³ A razão dessa constatação e súbita compreensão estava no seu reconhecimento do estágio primitivo em que se encontravam algumas populações e na quase inexistência de um clero e de uma elite católica atuante naqueles espaços. De acordo com ele, “eram, em geral, gente inofensiva, crédula e simples”³⁴. Por isso é que João Maria “é ainda um santo para os homens do planalto, que o canonizaram, como faziam os antigos cristãos aos seus santos, santo que não disputa um lugar nos altares porque o tem no coração dos homens simples das zonas que ele palmilhou”³⁵. Mas não tenhamos dúvidas, havia a necessidade ainda de “lapidar a alma” e “purificar a fé simples” daquele povo, a fim de atingir e completar o grau evolutivo do progresso e do desenvolvimento humano-social. E “certamente não se poderá eximir da acusação de *ignorante* aquele que prefere o sistema mágico-folclórico ao que a Ciência coloca à sua disposição”³⁶.

Ao que parece o discurso político-científico de Oswaldo combinava, ao mesmo tempo, austeridade e compaixão, racionalidade e sensibilidade, devoção religiosa e realismo científico, uma fórmula antitética bastante sóbria e artilosa, considerando o desejo das elites dirigentes, à qual pertencia, de se apropriar e corrigir os “desvios culturais e morais” danosos ao projeto civilizatório cristão que queriam impor. Para ele, se certas populações teriam desvirtuado o que haveria de mais elevado no cristianismo, teria chegado a hora de se restabelecer a linha evolutiva do patrimônio histórico-cristão. Era a tentativa, na verdade, de ocupar os diversos espaços de poder, anulando os vínculos sociais e negando-se os saberes culturais contidos naquelas formas de convivência.

³² Idem, p. 91.

³³ Idem, p. 74.

³⁴ Idem, p. 73.

³⁵ CABRAL, Oswaldo R. *História de Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Editora Laudes, 1970, p. 308.

³⁶ CABRAL, Oswaldo R. *A Medicina Teológica e as Benzeduras: suas raízes na História e sua persistência no Folclore*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1958, p. 75.



Nesse sentido, a obra inteira de Oswaldo pode ser lida como uma espécie de justificação dos poderes de normalização e de tentativa de sedimentação dos “verdadeiros” valores cristão-católicos na sociedade catarinense. Chegou mesmo a afirmar, por acreditar no triunfo do projeto, que, “mercê de Deus, acabou-se o anticlericalismo em nossa terra – e mesmo aqueles que não comungam conosco na mesma fé, e os que alardeiam convicções materialistas, não negam aos representantes do clero o seu respeito e a sua consideração”³⁷.

Claro que, em se tratando de Oswaldo, difícil se torna esgotar as leituras que podemos fazer de suas obras. Situa-lo em seu contexto então, já traz uma série de limitações. Em razão disso, converte-se em uma pessoa complexa, de mil faces e disfarces, suscetível a comentários e reflexões múltiplas. Há muitos Oswaldo a serem lidos e debatidos. O que fiz foi apresentá-lo da forma como ele me apareceu, talvez, muito diferente daquele com quem estamos acostumados a ver e debater, mas que transforma esse artigo em uma entre tantas outras de suas biografias.

Referências bibliográficas

- AZZI, Riolando. *A Neocristandade: um projeto restaurador*. São Paulo: Paulus, 1994.
- _____. *O Catolicismo Popular no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BAKTHIM, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- BERGER, Peter. L. *O Dossel Sagrado: elementos para uma Teoria Sociológica da Religião*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.
- BRONISLAW, Bazcko. *Imaginação Social*. In: Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Oficial – Casa da Moeda, 1985.
- CABRAL, Oswaldo R. A Contribuição à História Eclesiástica de Santa Catarina: a Diocese de Florianópolis, sua criação, seus prelados. In: EL-KHATIB, Fainal (coord.). *História de Santa Catarina*. Curitiba: Grafipar, v. 02, 1970.

³⁷ CABRAL, Oswaldo R. Discurso da Sessão Solene. In: OLIVEIRA, D. Joaquim D. *Fastos do Áureo Jubileu Episcopal*. Florianópolis: EDUSFC, 1967, p. 39.



- _____. *História de Santa Catarina*. Rio de Janeiro: Editora Laudes, 1970.
- _____. Discurso da Sessão Solene. In: OLIVEIRA, D. Joaquim D. *Fastos do Áureo Jubileu Episcopal*. Florianópolis: EDUSFC, 1967.
- _____. *A Medicina Teológica e as Benzeduras: suas raízes na História e sua persistência no Folclore*. São Paulo: Departamento de Cultura, 1958.
- DALLABRIDA, Norberto. *A Fabricação Escolar das Elites: O Ginásio Catarinense na Primeira República*. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GEUSS, Raymond. *Teoria Crítica: Habermas e a Escola de Frankfurt*. São Paulo: Papirus, 1988.
- GONZÁLEZ, José L. (org.) *Catolicismo Popular*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- JORNAL. *O Apóstolo*. Florianópolis (1947-1960).
- LUSTOSA, Oscar. *A Igreja Católica no Brasil República*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1991.
- MARITAIN, Jacques. *Cristianismo e Democracia*. Rio de Janeiro: Agir, 1945.
- _____. *Princípios de uma Política Humanista*. (1945) Rio de Janeiro: Agir, 1955.
- MARTELLI, Stefano. *A Religião na Sociedade Pós-Moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- OLIVEIRA, D. Joaquim. Sermões e Conferências. In.: BESEN, José. *D. Joaquim Domingues de Oliveira*. Florianópolis: IOESC, 1979.
- _____. *Fastos do Áureo Jubileu Episcopal*. Florianópolis: EDUFSC, 1967.
- ORLANDI, Eni P. *A Linguagem e seu Funcionamento*. Campinas: Pontes, 1996.
- PÉCAUT, Daniel. *Os Intelectuais e a Política no Brasil*. São Paulo: Ática, 1990.
- PIAZZA, Walter. *A Igreja em Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1983.



RIBEIRO, Hércion. *Religiosidade Popular na Teologia Latino-Americana*. São Paulo: Paulinas, 1984.

SEGNA, Egdio Vittorio. *Análise Crítica do Catolicismo no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1977.

SOUZA, Rogério Luiz. *A Reforma Social Católica e o Novo Limiar Capitalista (1945-1965)*. Curitiba: UFPR, 2001 (Tese de Doutorado).

Endereço do Autor:

Rua Vereador Artur Mariano, 1108

Forquilha

88106-500 São José, SC

E-mail: klaus@cfh.ufsc.br